

P. P. I.

PUBLICIDADE, PUBLICAÇÕES, INFORMAÇÃO, LDA.

GABINETE DE INFORMAÇÃO SISTEMÁTICA

Telef. 36 69 12 - 32 64 54



RECORTES CLASSIFICADOS

IMPrensa SEMANAL

EXPRESSO		AVANTE	
SEMPRE FIXE		PORTUGAL SOCIALISTA	
TEMPO		POVO LIVRE	
O JORNAL	25. JAN. 1980	ALAVANCA	
NOVA TERRA		UNIDADE	
VOZ PORTUCALENSE		LUTA POPULAR	
		PODER POPULAR	

o jornal

Uma atitude inqualificável

Durante a campanha eleitoral, a AD afirmou, repetidamente, que apenas se nortearia por critérios de competência para a escolha dos que deviam ocupar os (ou manter-se nos) cargos públicos, e nunca por razões ideológicas. Mais acentuou também, como não podia deixar de ser — pelo menos nessa fase de propaganda... —, que poria acima de tudo os interesses nacionais, e não a luta de governações meramente partidárias ou de círculos — locais, alheios, ideias ou ideias de força retomadas pelo primeiro-ministro, Sá Carneiro, ao falar na Assembleia da República.

Porém, e como também este Governo tem repetido, o que interessa são os actos e não as palavras. E alguns desses actos, logo dos primeiros e mais significativos, têm negado flagrantemente aquelas palavras. Em vários campos há indícios seguros de que se vai caminhar nesse sentido. E, entretanto, tal é particularmente notório num domínio tão importante como o das relações exteriores.

Fala-se na substituição de vários embaixadores, entre os quais estão homens e cidadãos a quem este país alguma coisa deve e que no exercício das suas funções demonstraram competência e proficiência como, aliás, era de esperar da sua capacidade intelectual. E pretexta-se tratar-se de embaixadores não de carreira, mas políticos — como se houvesse embaixadores que o não fossem, como se a carreira diplomática não tivesse a ver fundamentalmente com isso, a política, e fosse apenas, ou sobretudo, uma técnica, como construir pontes, adubar campos ou fazer pastéis de nata...

Mas, entre os chamados embaixadores políticos, decerto que não se sacrificarão todos, mas sim os mais conhecidos como antifascistas ou democratas desde antes do 25 de Abril, ou considerados como próximos de sectores da esquerda. Os outros serão mantidos, devendo dizer-se que também estes foram, salvo qualquer excepção, nomeados durante governos ligados a sectores agora na oposição, ou que pelo menos durante eles foram, e muito bem, mantidos nos seus postos.

Primeiro, foi o escândalo, a autêntica vergonha que constitui o «caso» de Maria de Lurdes Pintasilgo, exemplo de dignidade moral e de prestígio e competência no exercício do seu cargo de embaixadora de Portugal na UNESCO e que após ter desempenhado cabalmente o papel que foi chamada a desempenhar como primeiro-ministro (a cujo Governo competia antes de tudo preparar, em liberdade e paz social, eleições sérias e genuínas como aquelas que se realizaram a 2 e 16 de Dezembro p.p.) e se impor, se não à admiração, pelo menos ao respeito dos portugueses democratas e de boa-fé, ser afastada ou saneada do seu posto em Paris.

Agora, e logo de seguida, outro escândalo — o da oposição de, pelo menos, largos sectores da AD, à eventual ou hipotética nomeação do tenente-coronel Melo Antunes para o alto cargo de secretário-geral adjunto da ONU para a Ciência e Tecnologia, e a campanha contra ele mais uma vez desenvolvida, a tal propósito.

Pois bem: é de clareza meridiana, e não pode sofrer sombra de contestação, que seria pelo menos prestigioso e de interesse para o nosso país, mormente ao nível do mais importante organismo internacional, ser um português a ocupar tão importante cargo. E do ponto de vista nacional, não se vê como seja possível opor-se à sua possível nomeação. Pela nossa parte, se houvesse hipótese do dr. Freitas do Amaral, ou alguém no seu partido, alguma vez ser pensado ou convidado para algo de semelhante num organismo internacional, só poderíamos apoiar a ideia e congratularmo-nos com o facto.

Que um português que, em todas as circunstâncias, demonstrou ser, além do mais, um democrata, e é mesmo um dos «capitães de Abril» que libertaram Portugal, e um dos que mesmo nas mais difíceis situações se manteve fiel aos seus ideais de liberdade e justiça, veja a sua possibilidade de ser escolhido pelo secretário-geral da ONU para seu adjunto combatida pelo próprio governo do seu país ou por sectores políticos que o apoiam — é, no mínimo, inqualificável!

Fundaç